

CORPOS DROMOMANÍACOS: ENTRE O VISÍVEL E A LINGUAGEM (LEITURA ESTÉTICA SEGUNDO MERLEAU-PONTY)

María Cristina Sánchez León¹
José Olinda Braga²

Resumo

Nas reflexões sobre percepção, voltando-se às coisas mesmas, a filosofia de Merleau-Ponty busca compreender o percebido em seu ser desde o instante primeiro, isento de qualquer cognição possível. Esse movimento metodológico é marcadamente inspirado na Fenomenologia, tal como preconizada por Edmund Husserl, ao anunciar a consciência intencional. Esta não é mais um predicamento egocêntrico, como concebido pela tradição filosófica, mas sim a consciência da percepção enquanto intencionalidade, movimento, verbo, que se constitui no instante do voltar-se noético para o objeto intuído. Isso nos proporciona uma ampla compreensão dos diversos modos de ser do ente que somos nós, em nossa cotidianidade mediana e contemporânea. Além disso, compreendem-se os modos como percebemos os outros, humanos como nós, em sua alteridade e corporeidade. Os corpos se movimentam em estéticas, impressões e expressões, ritmos, danças, poesia, sendo percebidos de diferentes maneiras, ganhando diversas conotações significativas, marcadas pela historicidade e linguisticidade vividas. Considerando a filosofia merleau-pontyana à luz de um viés estético, como poderiam ser compreendidos os corpos dromomaníacos, aqueles que se deslocam incessantemente, sempre impulsionados a estarem onde não estão? Este estudo tem como objetivo instigar a reflexão filosófica sobre o que poderia estruturar esses afetos, buscando vislumbrar outros sentidos além da descrição de existências malogradas, reduzidas a meros objetos de pesquisa psicopatológica. O que poderiam dizer esteticamente os corpos em seus movimentos e fixações, em suas impressões e expressões, em sua capacidade infinita de suscitar novos sentidos e significados?

Palavras-chave: Corpo dromomaníaco. Visível. Estética. Fenomenologia.

CUERPOS DROMÓMANICOS: ENTRE LO VISIBLE Y EL LENGUAJE (LECTURA ESTÉTICA SEGÚN MERLEAU-PONTY)

Resumen

En las reflexiones sobre la percepción, volviendo a las cosas mismas, la filosofía de Merleau-Ponty busca comprender lo percibido en su ser desde el primer instante, exento de cualquier cognición posible. Este movimiento metodológico está marcadamente inspirado en la Fenomenología, tal como fue preconizada por Edmund Husserl, al anunciar la conciencia intencional. Esta ya no es un predicamento egocéntrico, como lo concibió la tradición filosófica, sino la conciencia de la percepción como intencionalidad, movimiento, verbo, que se constituye en el instante del volverse noético hacia el objeto intuído. Esto nos proporciona una amplia comprensión de los diversos modos de ser del ente que somos nosotros, en nuestra cotidianidad mediana y contemporánea. Además, se comprenden los modos en que percibimos a los otros, humanos como nosotros, en su alteridad y corporeidad. Los cuerpos se mueven en estéticas, impresiones y expresiones, ritmos, danzas, poesía, siendo percibidos de diferentes maneras, ganando diversas connotaciones significativas, marcadas por la historicidad y la linguisticidad vividas. Considerando la filosofía merleau-pontyana a la luz de un sesgo estético, ¿cómo podrían ser comprendidos los cuerpos dromomaníacos, aquellos que se desplazan incesantemente, siempre impulsados a estar donde no están? Este estudio tiene como objetivo instigar la reflexión filosófica sobre lo que podría estructurar estos afectos,

¹ Profesora investigadora de la Pontificia Universidad Javeriana de Cali (Valle del Cauca – Colombia). Posdoctorado en Universidad Federal do Ceará (Brasil, 2024) Email: maria.c.sanchez@javerianacali.edu.co. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9735-5670>

² Professor doutor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e membro colaborador do PPG em Filosofia da UFC. E-mail: olinda@ufc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8569-5232>.

CORPOS DROMOMANÍACOS: ENTRE O VISÍVEL E A...

María Cristina Sánchez León / José Olinda Braga

buscando vislumbrar otros sentidos además de la descripción de existencias malogradas, reducidas a meros objetos de investigación psicopatológica. ¿Qué podrían decir estéticamente los cuerpos en sus movimientos y fijaciones, en sus impresiones y expresiones, en su capacidad infinita de suscitar nuevos sentidos y significados?

Palabras clave: Cuerpo dromómano. Visible. Estética. Fenomenología.

“Vista, tacto, olfato, oído, movimiento y habla nos inducen de tiempo en tiempo a demorarnos en las impresiones que nos causan, a conservarlas o renovarlas.

El conjunto de tales efectos tendencialmente infinitos que acabo de aislar podría constituir el orden de lo estético.

Para justificar y dar un sentido preciso a ese término, infinito, basta recordar que en ese orden de cosas la satisfacción hace renacer la necesidad, la respuesta regenera la pregunta, la presencia engendra la ausencia, y la posesión el deseo”

Paul Valery, El infinito estético en Piezas sobre arte

191

Introdução

Considerar o vínculo entre Fenomenologia e Estética e as amplas possibilidades que esse vínculo oferece foi parte das motivações fundamentais para produzir o presente artigo. Por sua vez, estabelecer os laços existentes entre a Filosofia e a Psicologia permite não apenas uma revisão frutífera e próspera de categorias relacionadas com as emoções e suas diferentes manifestações em comportamentos corporais, mas também a impactante compreensão do que somos como corpos na vida contemporânea.

Para definir as duas ligações indicadas, é um requisito fundamental discutir o que significam os corpos dromomaníacos na vida contemporânea e como isso revela a necessidade de descentrar o nosso pensamento sobre os mundos constantes ou estáveis. Assistimos a um tempo em que a ambiguidade – conceito que será abordado no artigo – é uma espécie de “modo de estar-ser” dos que vivem e habitam este presente. O que chamamos de contingência, por exemplo, apareceu nos últimos anos como pano de fundo, de onde emerge a nossa organização do entorno, a qual implica e determina os nossos afetos, sensações e modos de estar no mundo.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Edição Especial	p. 190 - 203
--------------------------	--------	-------	-----------------	--------------

CORPOS DROMOMANÍACOS: ENTRE O VISÍVEL E A...

María Cristina Sánchez León / José Olinda Braga

Daí, por exemplo, a relação que temos com o espaço e o tempo se ver rompida no que diz respeito às relações interpessoais, aos afetos e à forma como percebemos nossos movimentos, velocidades, intensidades, ritmos e fluxos para assumir a vida contemporânea. Esses fenômenos envolvem, sem dúvida, o corpo. São frequentes as críticas sobre a relevância da obra de Merleau-Ponty no campo da literatura, da compreensão da pintura e dos estudos sobre a percepção que ligam, sem dúvida, o corpo desde a sua compreensão como matéria orgânica à sua conotação de lugar onde se dá a aquisição da experiência do mundo. Contudo, na perspectiva do que significa o movimento dos afetos e da forma como esse movimento, itinerância e errância, surge com as vicissitudes da vida atual, não tem sido tão abordado, recorrendo-se à sua obra. Por isso, este artigo quer ser essa voz da abordagem da linguagem e da categorização fenomenológica, colocando-a em diálogo com a psicologia na perspectiva dos diálogos entre Estética e Fenomenologia.



Hylas y las ninfas. William Waterhouse. 1896

A palavra *dromómano*, tal como consolidada na língua espanhola, não carrega a conotação psicopatológica presente na versão em português, que se constituiu na forma de dromomaníaco, distúrbio cuja sintomatologia vem descrita na forma de forte impulso ou compulsão para deslocamentos no espaço, tais como a realização de viagens

excessivas sem propósito claro, em que faltam planejamento e avaliação das consequências delas advindas. O dromomaníaco, como hipótese, buscaria aventuras, fugiria de problemas pessoais e conservaria uma necessidade compulsiva de exploração de lugares outros além daqueles seus cotidianos. O aspecto pático, nessa conotação semântica, sugere uma interferência sempre da ordem do negativo em que os sucessivos deslocamentos da pessoa afetada poderiam acarretar à sua vida profissional e afetiva, consequências prejudiciais tanto para si, quanto para seu entorno. Ainda que, no âmbito dos transtornos mentais, não conste dos manuais CID-10 (1993) ou DSM-V (2023), a palavra ‘dromomania’ traz em sua conotação uma clara alusão aos comportamentos compulsivos, estes sim, considerados afetos de uma existência malograda.

Neste artigo, conservamos o sentido espanhol de *dromómano*, sem tradução direta para o português, e não *dromomaníaco*, quando se pretende em espanhol voltar-se à dimensão psicopatológica, justamente para nos apartar daquela concepção, o que condenaria tais modos típicos de ser do humano a meros comportamentos desajustados e provocadores de sofrimento. Assim, ainda que referidos como corpos dromomaníacos, por não contarmos na língua portuguesa com uma palavra outra que adequadamente designe o que pretendemos conotar, conservamos a perspectiva que, para além da dimensão psicopatológica, se assenta antes sobre modos típicos de ser do humano em sua cotidianidade existencial contemporânea.

É possível considerar um modo de ser distinto do dromomaníaco para o corpo? Que outra constituição concerniria a ele que não fosse o movimento, o deslocamento e a ambiguidade? Que leituras permitiriam um vínculo entre a Estética e a Fenomenologia que lograssem nos permitir ampliar a visão sobre o que se conhecem como anomalias, transtornos ou flutuações de vontade? Esta reflexão pretende ir além do estabelecimento de fronteiras entre a Fenomenologia de Merleau-Ponty e aquilo que é, em última análise, a sua visão e motivação estética a partir de textos mais conhecidos entre nós, especialmente sobre a pintura, o corpo, o problema da percepção e sobre Cézanne; especificamente, o que esta reflexão pretende é abordar três possíveis lugares de aproximação que em definitivo pudessem contribuir para a compreensão do que significam os corpos dromomaníacos e seu comparecimento frente à compreensão da linguagem e do visível³.

³ A motivação desses questionamentos é a pergunta pelo acontecer do corpo em seu modo dromomaníaco, presente na vida contemporânea, cuja pesquisa seguimos desenvolvendo ao longo do estágio pós-

O primeiro lugar de aproximação se dá através do sentido de ambiguidade e a importância que tem para Merleau-Ponty, a sua riqueza como matéria-prima da Filosofia, como “agir” e “responsabilidade” da Filosofia e, sobretudo com o lugar do sem-sentido, do vazio, do nada. A ambiguidade da Filosofia tem sentido, e, em consequência, o sentido em nada se contrapõe a ela. Visibilizar a presença da ambiguidade já é um exercício que demanda todo tipo de descentralização no que se refere à nossa relação com a oposição, com a contradição, com o dual e, inclusive, com sua superação, o que poderia vir a ser o múltiplo. Assim, parece em grande medida possível mobilizar o conceito de corpo dromomaníaco para instâncias que permitam, a partir da relação entre Fenomenologia e Estética, outras formas de visão, por exemplo, sobre orientação, impulso, e até a presença de uma itinerância do esquecimento.

O segundo ponto está relacionado com as formas nas quais se faz possível conceber o movimento e a expressividade, questões fundamentais para se pensar a emergência da corporeidade em seu trajeto, em sua ausência e em figuras mais afeitas à velocidade que à presença. Resulta curioso que esse segundo lugar de reflexão seja vitalmente sugestivo para muitos, a partir de *Lo visible y lo invisible* (2010); no entanto, para este momento, será de vital importância voltarmos sobre as obras *El hoyo y el espíritu* (1985) e, por conseguinte, *Elogio de la Filosofía* (2006).

Finalmente, o terceiro elemento de aproximação à compreensão dos corpos dromomaníacos como aparições ou emergências *e-mocionales, mocionadas*⁴, em duração e movimento, suscitará uma preocupação que, em suma, já fora tarefa da Fenomenologia para enfrentar os problemas contemporâneos. Essa tarefa é a de pensar a “eternidade” da vida em termos de intensidade, de espacialidade ou contração da duração, que em consequência, nos convida a pensar que a pergunta de Merleau-Ponty segue sendo atual, a saber, se se trata de propor uma filosofia da impressão ou uma filosofia da expressão.

Primeiro lugar de aproximação. Todos nós, seguramente, nos recordamos da primeira parte da *Fenomenología de la Percepción* (1993). Aquela seção referida ao corpo resulta de vital importância para compreender o sentido da ambiguidade, pois bem, embora esse conceito para Merleau-Ponty seja de vital importância para o problema da linguagem, não deixa de chamar a atenção quando por exemplo concebe a visão como

doutoral, na Universidade Federal do Ceará, em seu programa de pós-graduação em Filosofia, com o título de Estética das Emoções.

⁴ “E-mocionales, mocionadas”: termos em espanhol que significam, respectivamente: dotada ao mesmo tempo de movimento e emoções, de afetos; e excitadas. São de complexa tradução para o português, pelo trocadilho semântico e sonoro que suscitam.

movimento, como atividade, e não como estado. Sabemos que o olhar é relacional, mas o filósofo francês o afirma como movimento, como operação:

Ver un objeto o bien es tenerlo al margen del campo visual y poderlo fijar, o bien responder efectivamente a esta solicitud fijándolo. Cuando lo fijo, me anclo en él, pero este «alto» de la mirada no es más que una modalidad de su movimiento: continuo, en el interior de un objeto, la exploración que, hace un instante, los sobrevolaba a todos, en un solo movimiento encierro el paisaje y abro el objeto (MERLEAU-PONTY, 1993. p. 87).

A partir daí são várias as questões que se sobressaem, sobretudo aquelas que correspondem ao modo como acessamos o corpo, e sabemos justamente desde a leitura da *Fenomenología de la Percepción* (1993), que o horizonte interior do objeto – para usar uma expressão do filósofo – não se pode acessar sem fixar o circundante, quer dizer, aquele micromundo que emerge como horizonte e que não só me outorga dados, conteúdos ou referências, mas uma experiência total até da própria noção do ato de dita “outorga”. No acesso ao corpo, essas afirmações não podem evitar de me recordar, por exemplo, da presença de uma espécie de *temperatura anímica* nos trabalhos do grande Leonardo ou na expressividade solene dos retratos de Rembrandt. Há algo, pois, que nos pode garantir a presença do corpo e é essa espécie de visibilidade operante e horizonte aberto que não é estático, que mobiliza não só minha percepção, minha compreensão do mundo no corpo, mas também uma visibilidade iminente de movimento quando mudo minha perspectiva de visão.

É nesse sentido que o movimento de um corpo, não está apenas “sustentado” pelo deslocamento do horizonte, mas com a ambiguidade que caracteriza o que entendemos por aparição: ver é fazer emergir uma imagem de que testemunhamos cada vez que ela aparece, e também ver é fazer evidente que cada aparição é um espelho que perfeitamente traduz uma dupla ambiguidade: por um lado aquela que existe entre caras e aspetos da forma ou da aparição, e por outro, as tensões entre espaço e tempo que se estendem na experiência de visão:

Si considero atentamente la casa, y sin ningún pensamiento, ésta tiene un aire de eternidad, emana de la misma una especie de estupor. Es indudable que la veo desde un cierto punto de mi duración, pero es la misma casa que vi ayer, un día más vieja; es la misma casa que contemplan un anciano y un niño. Sí, también ella tiene su edad y sus cambios; pero, aun cuando mañana se derrumbara, seguirá siendo verdad para siempre jamás que la casa existió hoy; cada momento del

tiempo toma a los demás como testigos, muestra, al producirse, «como tal cosa tenía que acabar» y «en qué habrá parado tal cosa»; cada presente hunde definitivamente un punto del tiempo que solicita el reconocimiento de todos los demás; el objeto se ve, pues, desde todos los tiempos igual a como se ve desde todas partes y por el mismo medio, la estructura de horizonte (MERLEAU-PONTY. 1993, p. 89).

No que resta, a seção sobre o corpo contém e aborda os conceitos que sabemos que no trabalho de Merleau-Ponty fundamentam grande parte do que constitui suas compreensões sobre o tempo e sobre a protensão e a retenção, cuja vital importância nos permite entender a duração como a experiência que em nada se assemelha a uma espécie de permanência fixa da imagem, mas, ao contrário, a uma refração característica do fenômeno temporal. Para esta ocasião, o aprofundamento sobre o substrato do corpo dromomaníaco não poderia se desenvolver, dado que não se tratou da pretensão inicial. Portanto, para efeitos de desenvolvimento dessa localização de primeira abordagem, vale dizer que esta seção resulta fundamental para se ver como a trajetória entre objeto, organismo e corpo dá conta da organização do mundo que advém com nossa sensibilidade ampliada.

A consideração da primeira parte de *Fenomenología de la percepción* (1993) traz elementos de compreensão sobre a ambiguidade que perfaz a aparição dos corpos dromomaníacos, justamente porque todo o estudo em perspectiva mecanicista, fisiológica, relacionadas com a Psicologia e com a orientação até os problemas do sensível e da sensação dão conta de que o *corcuero* é um entrelaçamento de mundo. Nesse sentido, a compreensão que temos de um corpo quase é a mesma que temos de um corpo dromomaníaco; de fato, poderíamos nos arriscar a dizer que no fundo ser um corpo dromomaníaco é um modo de ser constituinte no dar-se como corpo no espaço e tempo: embora meu corpo apareça diante de mim do mesmo ângulo, esse ângulo também tende a se ampliar com o tempo – não esqueçamos que não podemos nem escapar do fato de sofrermos mutações na visão, na estrutura óssea, na constituição muscular com o passar dos anos. É o corpo-tempo que emerge em nosso campo de visão.

O que precede se traduz em ser um corpo na exposição (questão que mais tarde relacionaremos com o que significa a expressão) e é precisamente isso que provoca a brilhante afirmação de Merleau-Ponty sobre a doença, definindo-a como o fato de “sentir una segunda persona implantada” (Merleau-Ponty. 1993, p. 107). Supomos outros modos de nomear as experiências corporais que estão mais presentes na vida humana contemporânea, como por exemplo, o que fora denominado “dromomania”.

Os estudos sobre a dromomania pertenceram de modo geral aos que se perguntavam pela consideração de um transtorno da vontade que mais teria a ver com o modo em que alguém empreende uma fuga sem destino ou uma errância sem objetivo fixo ou fixado. Em consequência, a dromomania a partir dessa perspectiva estaria associada a uma espécie de dissociação com o tempo e com o espaço, no sentido de “querer estar onde não se está”. Resulta curioso que, para a Filosofia, esses tipos de “comportamentos” não estão precisamente associados a uma desordem mental ou do comportamento – segundo se estuda –, mas antes a um modo como os seres humanos vivem uma vida, em grande medida, incerta, uma vida móvel ou uma vida que não precisamente oferece garantias de estabilidade em diversos âmbitos – ainda mais depois de uma crise que se viveu em 2020. De fato é uma discussão filosófica prolixa, aquela que indaga pela existência de uma “vida humana estável” no mundo contemporâneo.

Se afirmamos que a vida contemporânea dromomaníaca se perfila desta forma, é porque consideramos que falar de dromomania é uma coisa e, pensar nos corpos contemporâneos é algo bem distinto. Essas abordagens visam, assim, responder às indagações que vinculam a estética com o papel da sensibilidade humana no que concerne à velocidade, ao ritmo, ao fluxo, à troca, à instabilidade e à mutabilidade que como “espécie” – se se permite a expressão – nos constituem enquanto seres humanos.

Falar de instâncias constitutivas como aquelas associadas às “práticas do andar”, trabalhar com relatos sobre o que significa avançar em direção de, através, com etc. já constitui uma trama que inevitavelmente tem suas raízes na necessidade que, como seres humanos, temos de mudança em diferentes níveis: espacial, territorial e, claro, temporal.

Devemos confessar termos dificuldade em aceitar que a dromomania excessivamente comum esteja associada única e exclusivamente à paixão excessiva por viagens. Algumas resenhas de autores como William Hazlitt (2015), Robert Louis Stevenson (2010), Michel Serres (1995), Paul Virilio (2006), Gilles Deleuze (2004), Michel de Certeau (2006), Giorgio Agamben (1996), Byung-Chul Han (2019) – entre outros – trazem-nos reflexões sérias sobre tais questões, sobre o que significa a diferença existencial e política entre uma viagem e uma caminhada; sobre o que significa para um ser humano “mover-se” não apenas no sentido de mudar de espaço ou lugar, mas também de forma e hábito, e, claro, sobre o significado político da mobilidade ou do trânsito.

Uma perspectiva estética é o que entendemos como um discurso articulado, como reflexão e compreensão das variações do sensível em que se torna

visível a expressão do corporal e suas manifestações. A compreensão dos corpos dromomaníacos nessa perspectiva nos faz supor que a compreensão do corpo e ainda mais do corpo dromomaníaco é um campo de trabalho que foge em grande parte do esnobismo e da forma tradicional de compreendê-lo, como em torno dos distúrbios da vontade.

A ligação entre Estética e Fenomenologia, nessa perspectiva, faz-nos pensar, por exemplo, na importância da solidão como aquele espaço que pode muito bem provocar a liberdade de ação e o regresso a uma vida natural, quase selvagem. O que diríamos então sobre as diferenças entre caminhar e fugir? Haveria uma estética do selvagem ou do primitivo? Isso está ligado a algumas práticas de afetos contemporâneos? Quantas vezes nos sentimos presas e quantas, predadores, quantas vezes vimos como assistimos a cenas escabrosas em que nos devoram vivos e sem capacidade de reagir, sendo a única coisa que nos resta permanecer.

O dromomaníaco é sujeito e objeto de si mesmo. O corpo dromomaníaco é diferente do exilado, do desterrado ou do refugiado? Qual é a instância de escolha para cada um? Qual é mais livre? Eles estão sozinhos ou solitários? Esse tipo de questões é parte fundamental para compreender a importância da ambigüidade entendida em Merleau Ponty como contingência com a qual a atividade filosófica está relacionada: “El filósofo se reconoce en que tiene inseparablemente el gusto de la evidencia y el sentido de la ambigüedad”. Cuando se limita a sufrir la ambigüedad, ésta se llama equívoco. En los más grandes se convierte en tema, contribuye a fundar certidumbres en vez de amenazarlas. Habría que distinguir, entonces, entre una mala y una buena ambigüedad” (Merleau-Ponty. 2006, p. 8). Isso não deve apenas caracterizar o movimento da própria Filosofia, mas também acarreta de alguma forma uma condição semelhante à do corpo dromomaníaco. Com isso podemos lembrar que a contingência “aparece” nos tempos atuais com a forma de vivenciar a itinerância, a velocidade e a intermitência, questões nas quais se pode dar ênfase ao que está por vir. Por isso, embora a dimensão fundamental do movimento já tenha sido abordada tangencialmente, para o segundo e terceiro lugares de abordagem, que foram anunciados no início, queremos apresentar aqui algumas ideias sobre as ligações que emergem entre ambigüidade, expressividade e eternidade.

Além de ir contra as afirmações científicas, como foi dito em algum momento anterior, o que aqui se levanta com ainda mais interesse concerne a uma reflexão sobre a presença do “dromomaníaco” no corpo contemporâneo. Justamente por isso, resulta não acidentalmente lembrarmos práticas como a peripatética, a estoicista e a epicurista. Lembremos que a força motriz fundamental desses tipos de atitudes filosóficas

de vida eram os dilemas sobre o acaso e a vida errática, o que coincide diretamente com a natureza e origem da palavra ‘erro’.

Algo a lembrar: encontramos a seguinte definição de dromomania: “inclinação excessiva ou obsessão patológica para se deslocar de um lugar para outro”. Poderíamos dizer que a dromomania resume o querer estar onde você não está. É curioso que não exista a definição de dromomaníaco, ou seja, a definição de alguém que “sofre” com esse comportamento compulsivo. Chamamos de dromomania, mas a presença do dromomaníaco não é garantida pela Real Academia de la Lengua Española.

Mas, se se pode dizer – em espanhol – mitomaníaco, por que não se pode dizer dromomaníaco? Talvez isso faça parte de uma das motivações ao investigar o quanto falhamos na hora de nomear as emoções “do” corpo. A dromomania acarreta a condição de instabilidade e desenraizamento que tem muito a ver com a mutação incessante da vida. Ao mesmo tempo, falar em dromomania é destacar valores como a liberdade e a autonomia, e paixões como a inconstância.

Mas o que se coloca ou o que se instala no corpo, no campo da expressão? Reflitamos sobre o que se traduziu, como denominara o poeta francês Romain Roland em carta a Freud, o sentimento oceânico, de eternidade. Após ter lançado a obra *O futuro de uma ilusão* (2014), onde em meio a algumas teses levanta a possibilidade de que a noção de Deus teria sido criação imagética do humano, como forma de substituir a presença da função paterna malograda e perdida no âmbito do real, Freud inicia *O mal estar na cultura* (2020) instigado pelos dizeres daquela missiva, em que se indaga se o sentimento oceânico sentido pelo poeta e tantas outras pessoas não seria a própria prova da existência de Deus. Tomado por esse sentimento, haveria como que a dissolução do eu num oceano de pertencimento universal, em que o sujeito não mais estaria nesse local, nem alhures, mas em todos os lugares ao mesmo tempo, numa espécie de transe involuntário, sentindo-se com-outro e com-o-mundo, sendo-com-outro-no-mundo.

O eu que se deslocaria de seu eixo existencial, nessa circunstância, não poderia exatamente ser chamado de andarilho, fugitivo, inquieto, tampouco acometido de qualquer distúrbio psicopatológico, mas ao contrário, estaria mergulhado, dissolvido a partir de seu próprio centro, em múltiplas direções perceptuais. Tratar-se-ia, ainda assim, de um dromomaníaco? Freud retruca, reconhecendo que de fato há quem relate tais sentimentos vividos, mas que ele próprio jamais o sentiu, o que destituiria tal vivência de um caráter universal, uma vez que não vivida por todos os humanos. Desse modo, parece estar sugerido que os deslocamentos do eu, por êxtase, por vontade, por decisão política,

por incômodo, por exílio, por migração, esse querer-não-estar onde se está pode assumir os mais diversos sentidos e representar as mais variadas formas da constituição do ser livre.

Lembremos: há formas pelas quais os corpos dromomaníacos emergem e, associados ao visível e à linguagem, aparecem com seu campo relacional de tempo-espaço. Para aprofundar essa compreensão, propusemos investigações – agora – sobre a expressão e a eternidade da vida em termos de intensidade, espacialidade ou contração de duração. E se pensarmos que o corpo dromomaníaco é aquele que está em outro lugar o tempo todo? E se pensarmos no seu caráter antecipatório e nesse sentido em uma tensão iminente entre presença e ausência que o “configura”? Poderíamos então dizer que o corpo dromomaníaco é um corpo doente do tempo? Estar-se-ia cansado de espaço?

Ao formular essas questões, não há outra reação senão lembrar que a expressão para Merleau Ponty refere-se, entre outras coisas, a uma espécie de traço poético que muito longe está de ser um pensamento claro e que não se limita ao campo verbal ou literal daquilo que se torna comunicável, porque é diferenciado, diferente e sensivelmente individual. Nesse sentido, assumir que uma filosofia da expressão ou expressividade é necessária para a presente investigação é reconhecer uma superação do significado e da função dos sentidos que diz respeito ao corpo, ou melhor, à corporeidade como experiência:

Como la percepción misma no está jamás concluida, como nuestras perspectivas nos dan para expresar y para pensar un mundo que las engloba, las desborda, y se anuncia por signos fulgurantes como una palabra o como un arabesco, ¿por qué la expresión del mundo habría de estar sujeta a la prosa de los sentidos o del concepto? Es necesario que ella sea poesía, es decir, que despierte y vuelva a convocar enteramente nuestro puro poder de expresar, más allá de las cosas ya dichas o ya vistas (MERLEAU-PONTY. 1964, p 63).

A expressão recria, muda, metamorfoseia com as coisas na linguagem, provoca mutações nos objetos do corpo e isso ocorre porque existe um corpo imaterial que está encarnado na vida corporal, por assim dizer.

Aqui a tarefa seria pensar como corporificamos o movimento e se, de fato, o modo como nos movemos, transitamos e mutamos se torna uma outra forma de tornar visível-de-outra-maneira, ou melhor, de sermos visíveis em cada tempo de aparição, nesse sentido sempre desaparecendo. Uma filosofia da expressão para Merleau Ponty, levando em conta o pensamento de Bergson, é assim a emergência do verdadeiro, pois o

que é expresso, ou melhor, o ato de expressão é sempre anacrônico; novamente nos encontramos aqui, com a confluência e encontro do tempo como uma abertura “infinita”, uma questão dromomaníaca que parece essencial até para a própria filosofia. A expressão ocorre, assim, como uma troca entre passado e presente, e entre matéria e espírito que, sem se sustentar como um ciclo ou um hábito, estabelece um aparecimento incessante – neste caso, cremos nós – da experiência corporal que se predica ou é concebida sendo outra “o tempo todo”.

Finalmente, podemos pensar, a partir dessas leituras que ora propomos, que a eternidade tal como aparece no que ousamos chamar de “fenomenologia estética” e na perspectiva de Merleau-Ponty é o fato de transformar o fluxo da vida em um ato na renovação espontânea e ocorre de uma forma tão selvagem quanto sagrada. Para além da consideração dos corpos dromomaníacos como um tipo especial de ser corporal ou como uma tipologia de corpos contemporâneos, o que tentamos aqui é colocar a ênfase precisamente na itinerância e na errância como potência de liberdade que se coloca como algo conatural e antecipatório, instância onde a existência ocorre. Este tem sido um convite a pensar, tendo em conta o pensamento do filósofo francês, que a eternidade como sentimento nos aproxima do sublime e que, nesse sentido, talvez não haja nada mais autêntico, ao ver na dromomania uma “anomalia” da vontade, do que tornar o presente eterno, algo que os corpos dromomaníacos conhecem muito bem.

Considerações finais

Compor um escrito que estabeleça diálogos entre a Psicologia, Psicopatologia e Filosofia é frequente quanto se trata de abordar não somente o estabelecimento, formulação e implementação de metodologias de investigação. No âmbito da teoria, Filosofia e Psicologia sempre estabeleceram tensões valiosas que definitivamente constituem abordagens que em nível historiográfico e em nível problemático aportam às ciências humanas e sociais, elementos de compreensão sobre as paixões, afetos e emoções humanas, entre tantas outras perspectivas do interesse do conhecimento em geral.

Ter estabelecido uma relação entre Fenomenologia e Estética especificamente, serviu em especial, em decorrência dessas reflexões para compreender se se faz necessário para seguir fortalecendo, os marcos de compreensão, análises, e discussões sobre a complexidade dos afetos humanos e dos modos como é possível investigar os corpos contemporâneos a partir de uma ou outra disciplina. Nesse sentido,

compreender os afetos humanos e suas formas de expressão um campo especial, profícuo, fundamental e de importância incomensurável, faz com que se siga mantendo a convicção de que uma estética das emoções é possível, sobretudo quando se evidencia que a dromomania não é uma questão que possa ser circunscrita às ocorrências afetivas decorrentes da ansiedade, ou aquelas em que o caminhante possa manifestar alguma forma de obsessão. Falar de corpos ou afetos dromomaníacos exige justamente ampliar os horizontes de interpretação das formas do visível e das formas da expressividade em que corpos afetados aparecem na notabilidade, mobilidade e constante desaparecimento.

Por outro lado, mas na mesma direção, o que é um corpo e como abordá-lo, e o que um afeto e como deve ser assumido no campo da Fenomenologia, é uma tarefa imperativa cujo terreno ainda está por ser encontrado, explorado e adaptado aos tempos atuais, não apenas pelas mudanças na vida social, política e cultural; mas porque as apropriações do ser humano são cada vez mais variadas no que diz respeito às suas opções de expressões de corpo, e de afeto, justamente. Daí que este artigo tenha sido uma motivação para um exercício inicial na direção de um caminho que pode ser perfeitamente continuado.

Por fim, levanta-se a possibilidade de avaliar a extensão possível das formas de velocidade, temporalidade e “eternidade” vividas pelos seres humanos, o que pode em definitivo potencializar as formas de assumir até mesmo os estudos sobre a idade, colocando em crise os entendimentos sobre a velhice, ou a juventude, até mesmo investigando se a dromomania é algo que tem a ver com o drama de habitar um corpo que não queremos mais, ou que não sentimos, ou que simplesmente não o temos mais porque “o tempo passou.”

Desta forma, este artigo fornece elementos importantes aos estudos sobre desenraizamento e desterritorialização não apenas no que está diretamente relacionado às populações errantes, mas também no que concerne aos deslocamentos dos corpos dentro e a partir de si; movimentos que não são apenas corporais, mas sem núvidas, ativações afetivas.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **La comunidad que viene**. Valencia, España: Pretextos, 1996.

BYUNG-CHUL. **Ausencia**. Buenos Aires, Argentina: Caja Negra Editoria, 2019.

CID-10. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID 10:** Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Porto Alegre, RS: Artmed, 1993.

DE CERTEAU, Michel. **La fábula mística.** Madrid, España: Siruela, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. **Mil mesetas.** Valencia, España: Pre-textos. 2004.

DSM-5-TR. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** Texto Revisado. Porto Alegre, RS: Artmed, 2023.

FREUD, Sigmund. - **Freud (1926 - 1929) - Obras completas volume 17:** O futuro de uma ilusão e outros textos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. - **Freud (1930 - 1936) - Obras completas volume 18:** O mal-estar na civilização e outros textos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

HAZLITT, William. **Sobre el gusto y otros ensayos.** Ciudad de México, México: Ficticia Editorial. 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Elogio de la filosofía, seguido de el lenguaje indirecto y las voces del silencio.** Buenos Aires, Argentina: Nueva Visión, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos.** Barcelona, España: Seix Barral, 1964.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Lo visible y lo invisible.** Buenos Aires, Argentina: Nueva Visión, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **El ojo y el espíritu.** Barcelona, España: Ediciones, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **La prosa del mundo.** Madrid, España: Taurus, 1971.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenología de la Percepción.** Barcelona, España: Planeta de Agostini, 1993.

STEVENSON, Robert Louis. **Viajes con una burra por los montes de Cevennes.** Madrid, España: Ediciones Tenerife, 2013.

STEVENSON, Robert Louis; HAZLITT, William. **Caminar.** Palma de Mallorca: José J de Olañeta, 2010.

SERRES, Michel. **Atlas.** Barcelona, España: Cátedra, 1995.

VIRIRLIO, Paul. **Velocidad y Política.** Madrid, España: La Marca, 2006.